

NOSSA SENHORA DAS DORES



COLEÇÃO TESOUROS DA HISTÓRIA



Nossa Senhora das Dores

ISBN

978-65-86681-04-8

1ª Edição

São Paulo

ACNSF

2022





Coordenador:

Agostinho da Silva Cidrão

Texto:

Ricardo Campos Mendonça

Projeto artístico:

Ricardo Campos Mendonça

Diagramação:

Henrique de Souza Pereira

Capa:

Nossa Senhora das Dores (foto António Carneiro)



Associação Cultural Nossa Senhora de Fátima

Rua Francisca Júlia, 290 - Santana - CEP 02403-010

São Paulo-SP /  (11) 2971-9040

acnsf@acnsf.org.br / www.salvaimerainha.org.br

 @acnsf -  @salvai.me.rainha.de.fatima





Nossa Senhora das Dores



≡ Prefácio ≡

Queridos leitores:

Entre as invocações marianas, a de *Nossa Senhora das Dores* é uma das que mais nos aproximam da Mãe de Deus.

Trata-se de um título que nos fala d'Aquela que, sendo em tudo nosso modelo, é também exemplo de como devemos enfrentar os sacrifícios e as dores que a Providência permite surgirem em nossa existência terrena.

Maria sofreu com sabedoria, espírito de oração e inteira confiança no amparo divino. Desde o momento em que o velho Simeão profetizou que uma espada transpassaria seu Coração, Ela compreendeu que deveria partilhar com o Filho a missão de redimir o gênero humano. Ela seria nossa Corredentora, sofrendo com Jesus as dores que Ele padeceria pela nossa salvação.

Nossa Senhora das Dores nos faz entender a necessidade de passarmos pelo sofrimento terreno para que, depois, desfrutemos das alegrias eternas no Céu. Ela nos faz compreender que, depois da Paixão, vem a glória da Ressurreição. Depois da Cruz, vem a luz da consolação e da verdadeira felicidade.



Porque sofreu na sua alma como nenhuma outra mera criatura humana seria capaz de sofrer, Nossa Senhora das Dores não é indiferente aos nossos sofrimentos. Ela se compadece de nós. Ela se debruça sobre nossas lágrimas e aflições, derramando sobre elas o bálsamo suave de seu carinho materno. Ela nos estreita em seus braços e nos assegura que todas as nossas dificuldades serão remediadas com seu socorro incansável e infalível.

Nossa Senhora das Dores é a invocação que nos dá a certeza de termos no Céu uma Mãe atenta aos nossos passos incertos neste mundo, sempre pronta a nos amparar, sempre disposta a amenizar os fardos de nossa penosa condição humana.

Que esta invocação a Maria esteja em nossos lábios em todas as situações difíceis da nossa vida, incutindo-nos fé e coragem para nunca desanimarmos diante das adversidades e sofrimentos. Confiando em Nossa Senhora das Dores, sempre venceremos as provações e as angústias deste tempo. E seguramente alcançaremos a eterna bem-aventurança.

Boa leitura!

Agostinho da Silva Cidrão

Agostinho da Silva Cidrão



Modelo de paciência

A vida presente, como nos ensina Santo Afonso de Ligório, é um tempo de prova e de merecimentos. É aqui, neste mundo, que alcançamos méritos para chegarmos ao Céu.

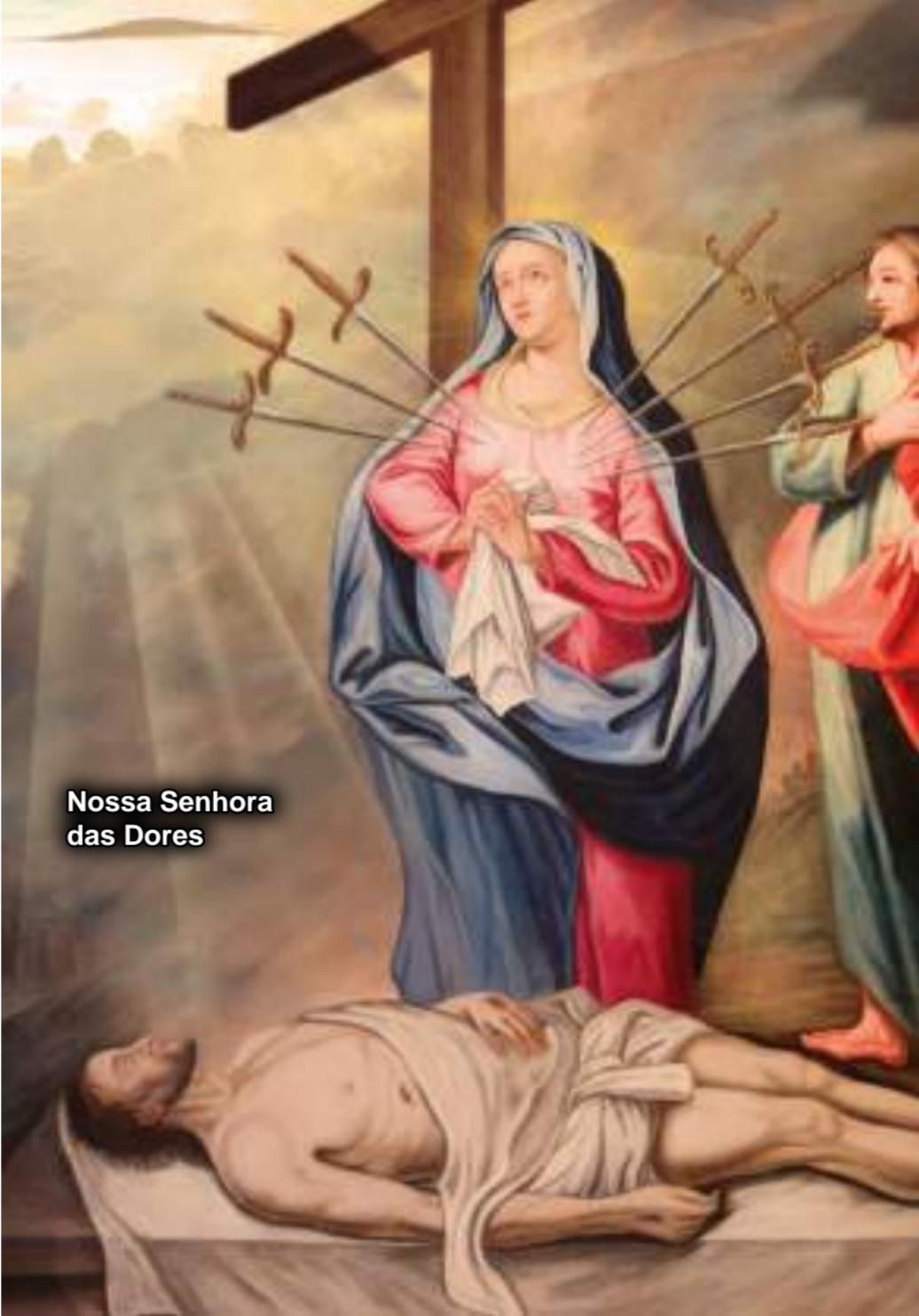
E sendo um tempo de provações, é especialmente por meio das dores e padecimentos que conquistamos nosso lugar na bem-aventurança eterna. Contudo, esse merecimento não consiste apenas em sofrer, mas sofrer com paciência e conformidade com a vontade divina. E disto, como em todas as outras virtudes, nos deu maravilhoso exemplo a Santíssima Mãe de Deus.

Sem nunca se abater diante dos sofrimentos que teve de partilhar com o Redentor, Maria tudo enfrentou para alcançar com Jesus a salvação dos homens.

Assim, ao considerarmos as dores de Nossa Senhora, devemos ter presente o imenso amor d'Ela ao seu Divino Filho e também a cada um de nós. Pois foi exatamente ao pé da Cruz, quando Maria ali estava de pé, acompanhando o sacrifício de Cristo, que Ela nos foi dada por Mãe.

Contemplar Nossa Senhora das Dores, como nos afirmam os teólogos, é contemplar o papel de Maria como Corredentora, é louvar a sua participação no plano divino da nossa redenção. É exaltá-La como

**Nossa Senhora
das Dores**





nosso Modelo, que nos conforta diante das dificuldades desta vida e nos ajuda a perseverar no caminho do Céu.

Piedosa e antiga devoção

As primeiras manifestações de devoção às dores de Nossa Senhora encontram-se nos escritos de Santo Anselmo e de muitos monges beneditinos e cistercienses, tendo nascido da meditação da passagem do Evangelho que nos mostra a Mãe de Deus e São João aos pés da Cruz do Divino Salvador.

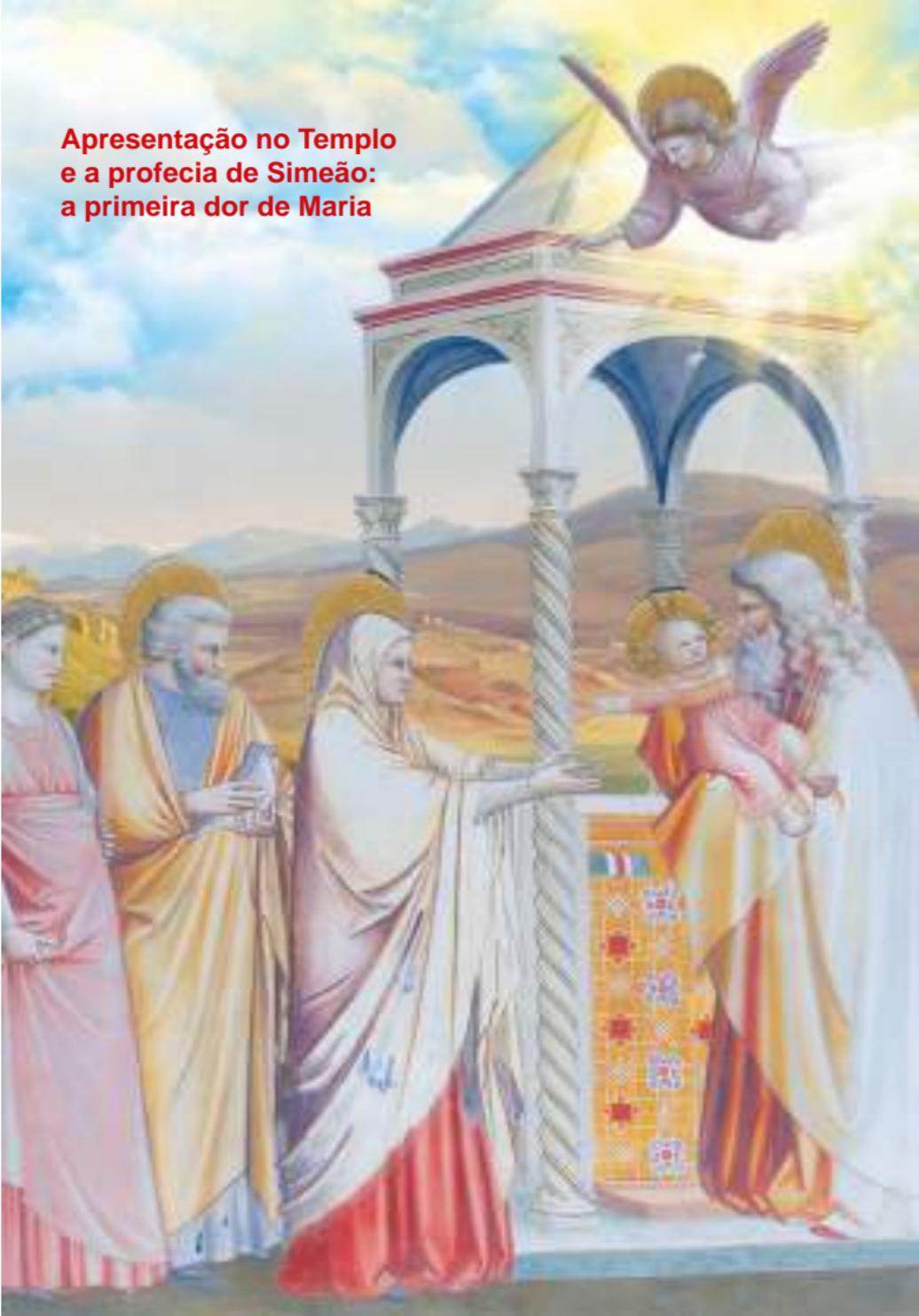
Mas foi a partir do século XV que essa antiga devoção teve um grande crescimento. Esse aumento da veneração às dores que Maria Santíssima sofreu por nós revelou-se de modo especial nas artes religiosas. Escultores e pintores se superaram na realização de obras tocantes e piedosas, que retratam os momentos de maior padecimento da Mãe Dolorosa. De modo marcante, aqueles em que Ela contempla o Filho pregado à Cruz, e quando O recebe em seus joelhos, já morto.

Sete Dores de Maria

A Igreja celebra duas festas em honra de Nossa Senhora das Dores. A primeira, na sexta feira da



**Apresentação no Templo
e a profecia de Simeão:
a primeira dor de Maria**





Semana da Paixão, anterior à Semana Santa. Esta festa é comemorada desde o século XVIII.

A segunda festa que exalta Nossa Senhora das Dores é celebrada no dia 15 de setembro. Ela teve origem com a Ordem dos Servitas, que foi fundada com o nome de “Companhia de Maria Dolorosa”. Esta celebração também foi realizada com o título de *Nossa Senhora da Piedade e A compaixão de Nossa Senhora*.

Foi o Papa São Pio X que fixou a data definitiva de 15 de Setembro – dia seguinte à Festa da Exaltação da Santa Cruz –, celebrada como *Memória de Nossa Senhora das Dores ou Mater Dolorosa*.

A devoção popular, considerando os momentos pungentes que marcaram a vida de Nossa Senhora ao lado de seu Divino Filho, fixou simbolicamente as sete dores principais da nossa Corredentora. São elas:

A profecia do velho Simeão, por ocasião da Apresentação do Menino Jesus no Templo; a fuga para o Egito, a fim de escapar da perseguição de Herodes; a perda de Jesus aos doze anos durante a peregrinação a Jerusalém; o encontro com Jesus no caminho para o Calvário; a crucificação e morte de Jesus na cruz; a descida do Corpo de Jesus da cruz; o sepultamento de Cristo.

Recordemos, então, esses principais episódios em que a piedosa tradição e os Evangelhos nos mostram



nossa Mãe Celeste abraçando sua parcela de dor na missão redentora de Jesus.

A profecia do velho Simeão

A primeira grande dor de Nossa Senhora deu-se quando Ela apresentou seu Filho no Templo de Jerusalém para consagrá-Lo ao Senhor, em cumprimento à Lei Mosaica.

Nessa ocasião, conta-nos o Evangelho de São Lucas, Maria, com o Menino ao colo, foi recebida por Simeão, um homem justo e piedoso que servia no Templo. Ele tomou o Menino em seus braços, abençoou-O e louvou a Deus por ter dado ao mundo o Salvador.

O velho Simeão saudou Jesus como sendo a Luz para a revelação aos gentios e para glória de Israel. Em seguida, dirigiu-se à Mãe e disse a Ela que aquele Menino estava destinado a ser causa de ruína e de levantamento para muitos em Israel. E acrescentou que uma espada de dor haveria de transpassar a alma de Maria (*Lc 2,29-35*).

Essas palavras ecoaram no fundo do Coração de Nossa Senhora, e A fizeram compreender naquele momento que Ela estava inteiramente associada à missão redentora de Jesus.

E naquela hora também, como já havia feito no momento da Anunciação, Maria se submeteu por





**A fuga para o Egito:
segunda dor de
Nossa Senhora**



completo à vontade do Senhor. Abraçou a dor que a profecia de Simeão lhe causava e, com mansidão e confiança nos desígnios de Deus, aceitou plenamente o plano divino que A tornava nossa Corredentora.

Fuga para o Egito

Quando Jesus nasceu, Herodes era o governador da Galileia e temia a perda do seu poder com o advento do Rei do Céu. Então ordenou que fossem mortos todos os meninos recém-nascidos na região de Belém para, desse modo, eliminar entre eles o Menino-Deus.

São José, pai adotivo e solícito de Jesus, foi avisado em sonho de que deveria fugir com a Sagrada Família para o Egito. Com esta fuga, Nossa Senhora teria de viver em terra estrangeira com seu Filho e seu esposo, sozinhos, enfrentando as dificuldades e privações de quem começa uma vida nova, longe de parentes e conhecidos.

Embora depositasse uma confiança sem limites na Providência Divina, Nossa Senhora não deixava de sentir as apreensões que aquela fuga trazia consigo, expondo o Verbo Encarnado a tantas incertezas!

E esta foi a segunda dor principal de Maria.



Perda e encontro de Jesus no Templo

Foi a terceira grande dor que afligiu profundamente o Imaculado Coração materno de Nossa Senhora.

Aquela que havia sido formada desde a eternidade para ser em tudo a Mãe perfeita do Filho de Deus, a mais desvelada e carinhosa, a mais repleta de amor e de zelo pela divina Criança, teve de suportar a aflição de havê-La perdido.

Jesus tinha 12 anos quando acompanhou Maria e José numa peregrinação ao Templo de Jerusalém, por ocasião da Festa da Páscoa. A cidade estava repleta de gente, com pessoas vindas de todas as partes de Israel. Enquanto estavam ali, Maria e José redobram seus cuidados para que o Filho estivesse sempre sob seus olhares vigilantes.

Quando retornavam para casa, Maria e José pensaram que Jesus seguia viagem entre os companheiros mais jovens. Porém, ao fim da primeira jornada, no momento em que deviam se reunir para o descanso da noite, deram-se conta de que o Menino não estava com eles.

Sem que seus pais soubessem, Jesus havia ficado em Jerusalém.



A narração do Evangelho nos deixa perceber a apreensão que tomou conta do Coração de Maria, ao saber que Jesus havia desaparecido.

Oh! dor da mais amorável das mães, aflita em procurar o Filho que Ela imaginava perdido!

Há quem diga que este foi um dos maiores padecimentos que sofreu a Virgem Santíssima. Primeiro, porque Jesus não estava ao seu lado e Ela não sabia onde encontrá-Lo. Em segundo lugar, porque ignorava a razão da ausência de seu Filho, que não A deixaria sozinha por qualquer motivo. Vendo-se privada de Jesus, Maria, em sua perfeita humildade, julgou-Se indigna de estar ao lado d'Ele e de tomar conta de um tão grande tesouro. Receou que alguma negligência sua tivesse levado Jesus a abandoná-La.

Por isso, os dias em que Ela e São José passaram procurando o Menino foram longos, cheios de amargura e de lágrimas.





Comenta Santo Afonso de Ligório que não há, certamente, dor maior para uma alma amante de Deus, do que o receio de O haver desgostado. Por isso, somente nesta dor é que ouvimos Maria externar sua aflição no momento em que encontra seu Divino Filho no Templo de Jerusalém, entre os doutores.

A terceira dor de Maria foi a perda e o encontro do Menino Jesus, entre os doutores do Templo





Sem nenhuma conotação de censura nem de repreensão, Ela pergunta a Jesus: “Filho, por que fizeste assim conosco? Olha que teu pai e eu Te procurávamos cheios de aflição!” (Lc 2,48)

Essas palavras revelam a intensa dor que a melhor de todas as Mães sentiu na ausência do amado Filho!

Encontro no caminho do Calvário

Depois de longos anos vividos na discrição do ambiente doméstico em Nazaré, chegou o tempo de Jesus cumprir publicamente sua missão redentora.

Mais um pouco e chegou também o tempo dos grandes sofrimentos da Paixão.

Obediente aos desígnios de Deus, Maria estava ao lado do Redentor, para partilhar com Ele os sacrifícios que conquistaram nossa salvação.

Lembramos, na quarta dor da Mãe Dolorosa, a profunda amargura que tomou conta de seu Coração no caminho do Calvário, ao Se encontrar com o Divino Filho que carregava sua pesada cruz às costas.

Não há como imaginar o que Maria terá sentido ao ver o Homem-Deus desfigurado, ensanguentado, chagado, coroadado de espinhos e caindo sob o fardo do madeiro.



Ali estava Aquele que Ela atraíra do Céu à Terra, abrigando-O durante nove meses em seu seio imaculado e dando-O ao mundo na Gruta de Belém. Aquele que Ela amamentou e ajudou a se preparar, ao longo de trinta anos, para a sua missão salvadora, que agora chegava ao fim.

Naquele momento, Maria sentiu com intensidade atroz a dor da espada que transpassaria sua alma, conforme Lhe havia predito o velho Simeão.

Ao ver o Filho torturado, Nossa Senhora sofreu no seu Coração o que Ele padecia na alma e no corpo. Mas, sem perder a coragem e sem Se abalar na sua fé, a Mãe continuou a seguir Jesus na Via Dolorosa. Dividiria com Ele, até o fim, o sacrifício pela nossa salvação.

Ali está Maria, que Se torna a cada minuto da Paixão a nossa Corredentora, unida ao sacrifício perfeito de seu Divino Filho.

Por isso, como nos ensina o Papa Bento XVI, para todos os homens e todas as mulheres deste mundo, o encontro de Nossa Senhora com Jesus no caminho do Calvário é um acontecimento vivíssimo, sempre atual.

Naqueles momentos pungentes, Nossa Senhora viu seu Filho subir o monte onde seria crucificado e d'Ele Se privou, para que cada um de nós se tornasse seu filho e tivéssemos uma Mãe sempre disponível e



**O encontro no caminho do Calvário:
a quarta dor de Maria Santíssima**





presente, pronta a nos ouvir em nossas necessidades. E quantas vezes Maria nos atende! Na via sacra de cada um de nós, sentimos que Ela está perto, confortando-nos com o seu amor materno.

De pé, junto à Cruz

Pouco depois, aquele padecimento tão amargo que feria o Coração da Santíssima Virgem, tornou-se ainda mais profundo.

A quinta dor da Mãe Dolorosa A atinge no alto do Calvário, diante do Filho pregado na cruz entre dois ladrões. Cada batida de cravo nas mãos e pés do Senhor repercutiam como golpes de lança afiada no Coração materno! Cada ofensa, verbal e física, feita contra o Cordeiro de Deus, penalizava de modo acerbo as entranhas imaculadas de Maria.

Durante três longas horas, Ela acompanhou instante a instante a terrível agonia do Filho crucificado.

Stabat Mater! Ela ali estava, de pé, junto à Cruz. Aflita, amargurada, dolorida. Porém, firme e constante no seu desejo de Se unir plenamente ao oferecimento do Filho ao Pai.

Nossa Senhora tudo suportou, ciente de seu papel na Redenção do mundo. Ela sofreu tudo, com a certeza profunda de que as promessas de Deus se cumpririam,



que o Filho ressuscitaria em três dias, vencedor da morte e do pecado. E por isso Ela permaneceu de pé, junto à Cruz do Senhor.

Foi também no alto do Calvário que Maria recebeu de Jesus a solene incumbência de Se tornar a Mãe de todos nós:

**De pé, junto a Jesus
crucificado, Maria
sofreu sua quinta dor**





“Mulher, eis aí o teu filho; filho, eis aí tua Mãe” (Jo 19,25-27). De todas as palavras pronunciadas pelo Senhor pregado ao madeiro, estas nos tocaram mais de perto, foram seu derradeiro presente à humanidade antes de morrer, deixando-nos um penhor de misericórdia que nunca se extinguiria: deu-nos como Mãe a sua própria Mãe.

Desde aquele instante, Maria tomou sob seus cuidados a cada um de nós, para Se compadecer dos nossos sofrimentos, das nossas preocupações e interceder junto ao Filho em nosso favor, em tudo o que necessitarmos.

Com o corpo de Jesus em seus braços

Para Maria, havia ainda mais a padecer.

Não bastara o sofrimento atroz de ver o Filho adorável contorcer-Se de extrema dor no alto da Cruz, exalar seu último suspiro e, finalmente, entregar a alma ao Pai. Só a Virgem Bendita sabe como suportou a visão do corpo de Jesus sem vida, pendente no madeiro, sob o céu toldado de nuvens negras, em meio ao cenário desolador do monte da Crucifixão.

E, não obstante, Ela teve ainda de suportar sua sexta grande dor, quando desceram o Corpo do Senhor da cruz e o depositaram sobre seus braços e joelhos.



**A sexta dor de Nossa Senhora foi
ver o Filho morto e descido da cruz**



Somente a Virgem Dolorosa pode exprimir o quanto Lhe custou acompanhar, gesto a gesto, a descida daquele adorável corpo do seu instrumento de suplício. Com que requintes de desvelo, com que palavras de supremo carinho Ela terá recomendado aos discípulos encarregados daquela triste tarefa, todo o cuidado para não ferirem ainda mais o seu amável Jesus, já tão desfigurado pelos tormentos da Paixão!

Como o profeta Jeremias, ante a Jerusalém destruída, Nossa Senhora parece dizer nesse momento: “Ó vós que passais pelo caminho, olhai e vede se há dor semelhante à minha dor” (*Lm 1,12*).

Longe de Jesus morto

A sétima e última grande dor de Nossa Senhora é a dor da soledade, a tristeza de quem se acha só.

Ao depositar o Filho no sepulcro, começa para a Mãe aquele doloroso período em que Ela fica sem o seu Jesus. Uma ausência dilacerante, cheia de amargura profunda, pois não O havia perdido como outrora O perdera no Templo de Jerusalém.

Não. Haviam tirado d’Ela a luz de seus olhos, a razão de ser da sua vida, de modo cruel e tormentoso. Haviam matado seu Jesus, e agora Ela precisava

**Jesus é depositado no sepulcro:
a sétima grande dor de Maria**





sepultá-Lo, deixá-Lo oculto dentro de uma rocha fechada com pesada pedra.

E ao ver o corpo do Filho amado posto no sepulcro, quantos momentos vividos com Ele não terá recordado a Santa Mãe! Dos primeiros olhares e sorrisos trocados na Gruta de Belém; do Menino e do Jovem Cristo crescendo em graça e santidade diante de Deus e dos homens; do Messias pregando o Reino dos Céus, seguido pelas multidões...

Agora, começaria para Ela o luto da perda e da separação. Porém, se a noite da sexta-feira caía sobre Jerusalém e imergia as outras almas na desolação e no desânimo, na alma de Maria permanecia inabalável a fé na Ressurreição.

A Mãe Dolorosa chorava a perda do Filho. Mas sabia que Ele morreria para vencer a morte, e em três dias se levantaria do túmulo, vitorioso, cheio de glória e resplandecente de luz!

Maria nos ensina a sofrer santamente

Por isso Ela é o nosso perfeito modelo de submissão à vontade de Deus, quando o sofrimento bate à nossa porta. É nestes momentos de dor e de provação, quando as tentações nos assaltam e sentimos nossa debilidade, que devemos exercitar nossa perseverança na Fé.



E Maria nos deu esse exemplo de coragem e de firmeza na crença de que a luz brilha depois da cruz. Ela manteve-se firme quando todos os outros discípulos do Senhor fraquejaram na esperança da Ressurreição.

A Mãe Dolorosa, nossa Corredentora, partilhou dos sofrimentos de Cristo para nos salvar e nos fazer compreender que também nós devemos contribuir com nossa parcela de dor para nossa salvação.

Desde a apresentação do Menino Jesus no Templo, até o momento em que depositou o Corpo de seu Filho morto no sepulcro, Maria nos ensinou a sofrer santamente, obedecendo em tudo aos desígnios de Deus. Sofrer sem fraquejar na fé, sem perder a confiança no auxílio divino e no próprio amparo d'Ela, Refúgio dos Pecadores e Consoladora dos Aflitos.

Mãe que ameniza nossas dores

Sim, Maria é a nossa Mãe cheia de compaixão por todos os seus filhos. Nossas necessidades e dores estavam diante d'Ela nas horas tristes que se sucederam à morte de Cristo no Calvário. Cada um de nós estava presente no Coração da Santíssima Virgem quando, finalmente, Ela recebeu em seus braços o Filho morto, e depositou sobre as chagas do Redentor seu ósculo de amor e adoração.



Com o Filho exangue sobre seus joelhos, Ela tornou-Se por excelência a Mãe desvelada que atende todos aqueles que a Ela recorrem em suas penas e aflições.

N'ela encontramos o nosso grande consolo em meio às dores próprias da nossa condição de peregrinos neste mundo rumo ao Céu, certos de que, se a Mãe tanto sofreu por nós, por nós nunca deixará de Se fazer solícita e de vir sem tardar em nosso socorro.

Ela não é indiferente aos nossos sofrimentos e lutas. E sorri para nós no perigo, chora conosco na dor, alivia nossas tristezas e santifica nossas alegrias.

Aprendamos, então, com a Mãe Dolorosa, a sempre aceitar com resignação e confiança os desígnios de Deus para nós, especialmente quando se tratar de carregarmos nossa própria cruz.

Aprendamos com Ela a enfrentar com fé e coragem as provações passageiras desta vida, com a certeza de que, vencendo-as com a ajuda de Maria, alcançaremos o triunfo eterno no Céu.

Nossa Senhora das Dores, rogai por nós!





A Consoladora dos Aflitos



Fontes consultadas:

Santo Afonso Maria de Ligório, *Meditações para todos os dias e festas do ano*, Friburgo, Herder & Cia, 1921.

Edésia Aducci, *Maria e seus títulos gloriosos*, Edições Loyola. São Paulo: 1998.

Mons. João Clá Dias, *O inédito sobre os Evangelhos*, vol. VII, Libreria Editrice Vaticana, Instituto Lumen Sapientiae, 2013.

Plínio Corrêa de Oliveira, *Via Sacra, 13ª Estação*, em “O Legionário”, nº 558, abril de 1943.

www.vatican.va



Ao dizer “sim” à Encarnação do Verbo e ao plano divino da nossa salvação, Maria se associou à missão redentora de Jesus.

Obediente à vontade do Altíssimo, Ela aceitou partilhar as dores de seu Filho, tornando-Se nossa Corredentora. Em sua alma de sensibilidade imaculada, Maria tudo sofreu com paciência e resignação, unida ao Cordeiro de Deus, para tirar os pecados do mundo e nos abrir as portas do Céu.

Ela é nosso celestial exemplo de como devemos abraçar nossas próprias cruces, confiantes na sua materna e incansável proteção.

Nossa Senhora das Dores, rogai por nós!



nº38

Rua Francisca Júlia, 290
Santana - 02403-010
São Paulo - SP

📞 (11) 2971-9040
www.salvaimerainha.org.br
acnsf@acnsf.org.br

Associação Cultural Nossa Senhora de Fátima